

A IRA DAS FÚRIAS

STEVEN SAYLOR

A IRA DAS FÚRIAS

Tradução de
PAULO BARATA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

I

Naquele verão, eu, Gordiano de Roma, vivia uns quantos quilómetros a oeste de Alexandria, numa casa de praia junto a uma pequena aldeia piscatória.

Os meus anfitriões eram os donos da casa, Kettel e Berino, dois eunucos já reformados da corte real egípcia. Quando o rei Ptolomeu perdeu o controlo sobre Alexandria e a cidade se tornou demasiado selvagem e iníqua, até para um jovem romano desobrigado como eu, os eunucos convidaram-me a permanecer com eles durante um tempo, o que aceitei de bom grado. Partilhava um quarto com a minha escrava Bethesda. O quarto era bastante reduzido, mas a cama chegava para duas pessoas.

Do terraço na cobertura da casa, olhando para leste sobre as dunas e a linha costeira, avistava-se claramente o horizonte de Alexandria. O elemento mais proeminente era o gigantesco farol de Faros, sobre o porto, cuja chama era possível avistar por muitos quilómetros, tanto de dia como à noite. O templo de Serápis, situado no topo da colina mais alta da cidade, no bairro mais próximo de nós, também se distinguia facilmente. Tudo o resto era um emaranhado de obeliscos e coberturas, cercados pela muralha da cidade.

– Hoje não há fumo – observou Kettel, cujo enorme volume ameaçava transbordar até do seu cómodo sofá. Parecia ter engordado ainda mais desde a reforma. O seu apetite era, sem dúvida, mais voraz do que nunca. Assim que Bethesda apareceu nas escadas, vinda da cozinha com uma travessa fumegante de peixe grelhado, Kettel serviu-se logo avidamente.

Berino, tão esguio quanto Kettel era gordo, olhou para o horizonte da cidade e semicerrou os olhos.

– Não tem havido fumo, o que presumivelmente significará que não se deram mais tumultos desde o dia em que o rei Ptolomeu zarpou e o seu irmão, o nosso novo rei, marchou sobre a cidade com o seu enorme exército. – Empinou o nariz à travessa de peixe e acenou a Bethesda para que se aproximasse. – Deveremos então concluir que o caos acabou, que a guerra civil terminou realmente?

– Acho difícil! – grunhiu Kettel com a boca cheia. – O antigo rei ainda dará alguma luta. Lá porque fugiu para o exílio, não significa que tenha desistido do trono. Caso consiga reunir um exército, voltará. A menos, é claro, que fique sem cabeça entretanto.

– É sempre uma possibilidade – disse Berino, assentindo lugubrememente.

– Dizem que a cidade acalmou consideravelmente desde a chegada do novo rei – disse. – Talvez seja até seguro voltar a andar nas ruas.

Bethesda aproximou-se de mim com a travessa de peixe, da qual tirei uma porção modesta. De costas voltadas para os meus anfitriões, atreveu-se a tirar, sem que a vissem, um pedaço que levantou até aos lábios e mordiscou, oferecendo-me um sorriso clandestino. Que triste exemplo de romano eu era, incapaz de controlar a única escrava que possuía.

– Estava a pensar em aventurar-me até à cidade amanhã – anunciei.

– Para quê, Gordiano? – indagou Kettel, estalando os lábios. – Não tens tudo aquilo de que precisas aqui mesmo? Boa comida, boa companhia, caminhadas na praia para passar os dias, o murmúrio da maré para te adormecer à noite...

– Se é que o nosso amigo barbudo chega a dormir alguma coisa – murmurou Berino, elevando a sobrancelha e lançando um olhar de soslaio a Bethesda, que descia os degraus para ir buscar mais comida e bebida à cozinha. Os seus cabelos negros, que brilhavam ao sol, eram tão longos que quase lhe chegavam às ancas e balançavam sensualmente à medida que ela desaparecia de vista.

– O porto parece ter retomado a atividade desde a partida do rei – observei. – Com tantos navios a entrar e a sair, estava a pensar que talvez tenha chegado alguma carta para mim.

– Uma carta? – Com o seu indicador carnudo, Kettel empurrou um pedaço de peixe que ameaçava escapar-lhe dos lábios.

– Sim, talvez haja uma carta do meu pai.

– Ah, sim, do teu pai... lá em Roma. – Kettel lambeu as pontas dos dedos. – Quanto tempo passou desde a última vez que tiveste notícias dele?

– Meses.

– Tanto tempo – comentou Berino.

– Pois é – respondi, cabisbaixo. – Claro que ele poderá ter escrito e as suas cartas terem sido perdidas ou desviadas.

Era verdade que os movimentos por terra e pelo mar tinham sido dificultados em meses recentes, não só devido à guerra civil egípcia como também a desenvolvimentos na Ásia, onde o rei Mitrídates estaria supostamente a escorraçar os romanos de uma província atrás de outra, e também na Itália, onde as cidades súbditas a Roma se haviam contra ela rebelado. O mundo inteiro parecia estar em guerra. Os dias em que era possível trocar correspondência regular através de grandes distâncias, como havia feito com o meu pai quando cheguei a Alexandria, há três anos, pareciam agora uma memória distante.

Era portanto inteiramente possível que o meu pai tivesse escrito diversas cartas nos últimos meses mas, por uma razão ou outra, nenhuma delas me tivesse chegado às mãos. Mas existia outra possibilidade. Podia acontecer que não tivessem chegado quaisquer cartas do meu pai por este já não se encontrar entre os vivos.

As poucas notícias que iam chegando de Itália eram sombrias. Cidades inteiras massacradas por se rebelarem contra Roma, e o próprio Senado romano havia caído numa espécie de guerra civil. Tendo crescido em Roma, observei o cuidado com que o meu pai trilhava caminhos neutros, evitando aliar-se a qualquer facção ou família em particular. Esta independência permitia-lhe trabalhar para qualquer homem que procurasse os seus serviços. Mas duvido que até ele pudesse permanecer neutro e seguro no meio do caos que se instalara em Itália.

E em boa verdade, quão neutro poderia ele ser? Quão leal seria ele a Roma? Ele tinha antecipado as dificuldades que se preparavam para

atingir a Itália; foi uma das razões por que me enviou em peregrinação pelas Sete Maravilhas com o meu velho tutor Antípatro, para que eu me afastasse o mais possível de Roma e do perigo iminente que se aproximava. Fui mais ingênuo do que um jovem romano de dezoito anos deveria alguma vez ser. Tinha pensado que a nossa viagem era meramente por prazer. Nem a falsificação da morte de Antípatro e a sua assunção de uma nova identidade enquanto Zótico de Zeugma me haviam despertado qualquer suspeita. Aceitei de imediato a explicação oferecida por Antípatro de que almejava simplesmente um recomeço, a última oportunidade de um velho para ver o mundo com novos olhos.

O logro de Antípatro, porém, ia muito mais longe. Como descobri no final da nossa viagem, Antípatro tinha trabalhado como espião para o rei Mitrídates desde o início e era, portanto, um inimigo de Roma. A nossa viagem pelas Maravilhas não passara afinal de uma grande missão de reconhecimento para Antípatro, que passava mensagens aos agentes do rei desde Olímpia à Babilónia e muitas outras cidades pelo caminho. Mal tinha eu descoberto a sua fraude e já Antípatro se sumira de Alexandria, antes que dele pudesse obter qualquer explicação.

Que papel teria eu desempenhado no seu esquema? Teria sido apenas um companheiro de viagem, enviado pelo meu pai de forma a manter-me afastado do perigo? E qual o papel do meu pai no meio de tudo isto? Ele ajudou Antípatro a falsear a sua morte; tê-lo-á feito com conhecimento do verdadeiro intento do velho poeta? Seria o meu próprio pai um agente de Mitrídates?

Tal possibilidade era inimaginável. Ou assim o teria dito em tempos, ainda ingênuo, pouco viajado e desconhecedor da natureza dos homens. Mas agora, num mundo virado de cabeça para baixo pela traição e pela guerra, tudo me parecia possível... até a ideia de o meu pai poder ser um traidor a Roma.

E se fosse mesmo, onde recairiam então as minhas lealdades? Em Roma? Com o meu pai? Ou com nenhum deles?

Antes de conseguir responder a essa questão, tinha de descobrir a verdade acerca do meu pai, mas tal não se adivinhava possível. «És traidor a Roma, meu Pai?» Uma pergunta tão perigosa jamais poderia ser feita numa carta, passível de ser lida por qualquer um que a abrisse.

Talvez Antípatro pudesse ter-me dito a verdade, mas eu não fazia a menor ideia do seu paradeiro desde que o velho poeta tinha abandonado Alexandria. Talvez pudesse ter resolvido o mistério regressando a Roma e confrontando o meu pai cara a cara, assumindo que ele ainda estava vivo, mas essa viagem foi sendo adiada vezes sem conta, tanto pelo perigo, como pela despesa, como por mera impossibilidade, com os mares desprovidos de navios de passageiros, que eram cercados por ameaças de guerra para onde quer que se deslocassem.

Havia, porém, uma outra razão que me impedia de regressar a casa e que eclipsava todas as outras: faltava-me a vontade para empreender a viagem. Seria de admirar que preferisse vadiar pelo Egito, deleitando-me com o sol morno no terraço dos eunucos, banquetecendo-me com peixe e com romãs e com tâmaras, tudo do seu bolso, passeando na praia com Bethesda em busca de refúgios onde pudéssemos pousar um cobertor e deitar-nos entre as dunas cintilantes?

Tinha tudo aquilo que um jovem poderia querer. Ainda assim, no meu íntimo, queria mais do que tudo visitar o banqueiro alexandrino que me recebia a correspondência e descobrir que me tinha chegado uma carta desde Roma, uma carta do meu pai a dizer que se encontrava vivo e de boa saúde.

– Pois então, por quem és, tens de viajar até à cidade para ver se te chegou alguma carta – disse Berino, como se me adivinhasse o pensamento.

Esta aparente capacidade de ler mentes era uma característica que havia já observado em ambos os eunucos. Seria, sem dúvida, um dos atributos que os tinham mantido vivos nestes tempos traiçoeiros e os tinha tornado em servos tão bem recompensados pelos seus serviços à burocracia régia.

– Leva a rapariga contigo – disse Kettel, mastigando de boca aberta e engolindo o seu último pedaço de peixe num trago sonoro. – Imagino que devas querer ir às compras, caso as lojas já tenham reaberto, e a escrava pode carregar-te as coisas.

Anuí, convicto de que qualquer dinheiro que gastasse seria com Bethesda e não comigo, e que ela ficaria melhor a vestir quaisquer compras que eu fizesse do que a carregá-las. Quando reapareceu no terraço com uma travessa de iguarias frescas, reparei pela primeira vez

como até o mais pequeno adorno à sua beleza me aprazia o olhar – o alfinete de marfim no seu lustroso cabelo negro, a modesta pulseira de madeira que trazia ao pulso ou o broche de cobre que lhe decorava o vestido verde, um traje que lhe tinha comprado recentemente para celebrar o meu vigésimo segundo aniversário.

– Assim farei, então – disse. – Amanhã, mal acorde, rumarei a Alexandria e levarei a Bethesda comigo.

Ao ouvir isto, Bethesda franziu o sobrolho e, em seguida, olhou sobre o ombro em direção à cidade, voltando o corpo de uma forma que revelava uma linha sinuosa desde a anca até ao peito que me tirou a respiração. Os eunucos não lhe ligaram nenhuma.

Acabou por ficar decidido que eu deveria conduzir uma carroça de burros até à cidade, uma vez que os eunucos se foram lembrando de várias provisões que queriam que comprasse, caso estivessem disponíveis e não fossem «extravagantemente caras», como advertiu Berino. Os eunucos tinham-se reformado com uma fortuna considerável, mas estes tempos bélicos ameaçavam transformar até os homens mais ricos em pedintes. Em retrospectiva, a aldeia piscatória parecia ter sido uma escolha bastante sábia para a sua reforma. Para comer, bastava o peixe apanhado diretamente do mar. Para se entreterem, o pôr do Sol e o ruído das ondas a banhar a costa ofereciam um espetáculo sem qualquer custo ou risco de esmorecimento.

Não havia como saber o que iríamos encontrar na cidade, portanto pareceu-nos boa ideia viajar da forma mais inconspícua possível. Vesti uma túnica desbotada e com rasgões a precisar de remendo. Bethesda vestiu um traje modesto e folgado que mais servia para lhe esconder a beleza do que para ostentá-la.

A via costeira parecia ser bastante utilizada e estava bem conservada. Os burros andavam bem e chegámos ao portão ocidental da cidade ainda antes do meio-dia. O documento que atestava a nossa afiliação com os eunucos permitiu-nos passar o portão sem qualquer problema. Os selos de Kettel e Berino ainda carregavam peso, apesar de terem servido sob o rei deposto. No interior das muralhas, a cidade apresentava-se mais ordeira do que havia esperado. Os homens do

novo rei faziam-se sentir em força e em número, patrulhando as ruas com a espada embainhada e cacetes de madeira na mão, e ninguém parecia muito disposto a fazer-lhes frente.

Descemos a larga avenida que atravessa todo o comprimento da cidade, ladeada por palmeiras e decorada com estátuas e obeliscos, no sentido ocidente-oriental. Nalgumas áreas era possível observar o estrago dos tumultos e das rixas – edifícios danificados com portas partidas e janelas tortas, fontes ressequidas pejadas de lixo e entulho, até quarteirões inteiramente devorados pelo fogo –, mas muitos dos bairros pareciam ter voltado à normalidade, com as lojas abertas e os comerciantes de rua a impingir os seus produtos.

Num dos grandes cruzamentos ao longo do caminho, virámos à esquerda em direção à orla portuária e fizemos o caminho mais direto até ao escritório do banqueiro que ocasionalmente me guardava o dinheiro e recebia quaisquer cartas que para mim chegassem a Alexandria.

Enquanto Bethesda me esperava no exterior, junto à carroça, entrei na minúscula sala de atendimento. Estava cheia de gente, alguns a querer depositar sacos de moedas com o banqueiro, outros a querer fazer levantamentos. Foi preciso uma enorme persistência só para me dirigir ao balcão, onde recebi um disco de madeira com uma letra grega talhada – λ – e me foi dito que aguardasse e prestasse atenção.

Por fim, uma voz aguda chamou «Lambda», acotovelei o meu caminho até ao balcão, de disco na mão, e fui atendido por um eunuco de aspecto exaurido, com a cabeça mal semeada e queixo triplo.

– Então, o que vai ser? – resmungou ele. – Depósito, levantamento, consulta?

– O meu nome é Gordiano, de Roma. Queria saber se chegou alguma carta para mim.

Ele virou-se e chamou um funcionário atrás de si, que por sua vez chamou um funcionário que se encontrava noutra sala. Atrás de mim, os recém-chegados clamavam por atenção mas o funcionário ignorava-os copiosamente, fixando o seu olhar inexpressivo na minha testa enquanto aguardava uma resposta.

Ouviu-se uma voz vinda da sala ao lado:

– Disseste Gordiano?

O meu coração pulou.

– Sim – respondi. – Sou eu.

O funcionário que havia chamado da outra sala apareceu. Parecia quase um gêmeo do outro, tirando a cabeça lisa, rapada de fresco, e quatro queixos em vez de três.

– Sabes escrever o teu nome?

– Claro que sim.

– Então terás de assinar por isto. – Enquanto segurava na mão um pedaço de pergaminho enrolado e lacrado, pousou um outro pedaço de pergaminho no balcão à minha frente. – Assina aqui, aqui e aqui.

Peguei num estilete pousado no balcão e rapidamente escrevinhei o meu nome em triplicado, sem a preocupação de ler o documento que estava a assinar. Quem sabe o destino de todos estes formulários que os banqueiros nos exigem? Os banqueiros egípcios são ainda mais insanos do que os romanos no que diz respeito à manutenção de registos. Era preciso pagar uma taxa. Pareceu-me bastante alta, tendo em conta as taxas que havia pago por cartas anteriores, mas lá me convenci que o preço se devia aos tempos de guerra e entreguei ao funcionário um punhado de moedas.

O meu coração acelerou e até os meus dedos tremiam quando o funcionário me entregou o minúsculo rolo. O selo era de cera de abelha em vermelho. Normalmente, o meu pai utilizava uma cera mais económica, sem pigmento. Além disso, o lacre não exibia o selo do seu anel de cidadão. O lacre não exibia qualquer selo.

Assim que voltei as costas ao balcão, quebrei o lacre e desenrolei o pergaminho. Percebi de imediato que não se tratava de uma carta do meu pai, pois as letras eram gregas e o meu pai escrevia-me sempre em latim. A caligrafia era-me familiar, mas não havia qualquer saudação no topo nem qualquer assinatura no fundo. À primeira vista, a página parecia desprovida de qualquer sentido, aparentando ter sido extraída de um documento maior, uma vez que começava a meio de uma frase e terminava também da mesma forma.

– Deve ter havido algum engano – disse, voltando-me novamente para o funcionário, que já estava a atender outro cliente mas virou-se para mim com uma expressão azeda.

– Engano? – perguntou.

– Isto não é uma carta. Não estou certo do que será. Talvez uma página do diário de alguém...

– E então? Veio endereçada a ti.

– Mas quem a enviou? Não há qualquer indicação...

– Como hei de eu saber isso? – retorquiu o funcionário.

– Mas de onde veio? Como é que chegou aqui?

O funcionário suspirou, combalido, e em seguida virou-se para a mesa atrás de si para alcançar um livro de registos. O cliente que ele passou a ignorar lançou-me um olhar de desagrado.

O funcionário desenrolou o pergaminho e perscrutou com a sua unha bem arranjada uma coluna com nomes e datas rabiscados, até que a cutucou num rasgo de autoridade.

– Aqui está. A tua carta chegou há cinco dias, num barco vindo de Éfeso.

– Éfeso?

– Como já te disse.

– E foi essa a origem da carta?

– É o que aqui diz. O documento embarcou em Éfeso, com instruções de entrega a Gordiano de Roma, residente em Alexandria ou arredores.

– Mas quem a enviou?

– Não diz.

– Mas quem conheço eu em Éfeso? – perguntei, pensando em voz alta. Na verdade, até conhecia algumas pessoas em Éfeso, tendo ficado brevemente hospedado na casa de Eutrópio, antigo pupilo de Antípatro, durante a nossa viagem. Mas qual deles...

– Como queres que eu saiba? – explodiu o funcionário. – Descobre por ti próprio. Assinaste o recibo, pagaste a taxa e tomaste posse do documento. Portanto, se já não tens mais negócios a tratar neste estabelecimento, tenho de te pedir que vás embora. Como bem podes ver, tenho muitos outros clientes para atender.

Afastei-me do balcão, agarrado ao misterioso pedaço de pergaminho. Saí e dirigi-me à carroça de burros. Bethesda notou algo de errado no meu olhar.

– Más notícias, senhor?

– Não. Quer dizer... não tenho bem a certeza.

Ela olhou para o pergaminho. Não tendo nunca aprendido a ler, todos os documentos lhe pareciam igualmente misteriosos.

– É do teu pai?

– Não me parece. Não estou certo de quem a terá enviado, nem porquê. Nem sequer tenho a certeza do que será. – Subi para a carroça, sentei-me junto a Bethesda e desenrolei o pergaminho.

– As letras são bonitas – disse Bethesda, olhando sobre o meu ombro.

– Sim, as letras gregas são mais bonitas do que as romanas. Mas espera... Já sei a quem pertence esta caligrafia! – O meu coração batia a mil. Tremiam-me os dedos.

– Senhor? – chamou Bethesda, com preocupação na voz. Pousou a mão no meu braço.

– Isto foi escrito pelo Antípatro – sussurrei.

– O teu antigo tutor? – Bethesda nunca conhecera Antípatro, pois tinha-a adquirido muito após termos seguido caminhos distintos, mas já me tinha ouvido falar dele de tempos a tempos. Não lhe tinha dito que ele era um espião e inimigo de Roma; isso era um segredo que guardava para mim; mas ela sabia que nos havíamos separado de más relações.

– Sim, o meu antigo tutor.

Olhei com atenção para as letras elegantemente desenhadas e comecei a mexer os lábios. Não era bem a minha intenção ler a carta a Bethesda, mas na prática foi o que acabei por fazer, já que me era mais fácil ler grego dizendo as palavras em voz alta. Quando cheguei às partes que falavam de mim, já a cara me ardia. Ainda assim, continuei a ler:

«... que estou em enorme perigo. Temo pela minha vida a todas as horas de todos os dias.

Para já, pelo menos, é-me permitido residir fora da corte, em casa do meu amigo e antigo pupilo Eutrópio. Longe do olhar incessante do rei e da sua rainhazinha maldosa, talvez me encontre também longe dos seus

pensamentos e, assim, corra menos perigo de incorrer na sua ira. Como condição, foram-me atribuídos dois criados da casa real para cuidar das minhas necessidades, supostamente para que eu não me tornasse um fardo para Eutrópio. Mas quem sabe se posso confiar nestes dois moços? Tanto quanto sei, poderão até tratar-se de assassinos!

Homem algum se mostrou mais feliz que Eutrópio ao ver os romanos escorraçados do poder, ou mais agradado com a chegada do rei a Éfeso. Ainda assim, Eutrópio não odiará os romanos tanto como alguns. Aquilo que Eutrópio detestava eram os abusos dos romanos, não necessariamente cada um dos romanos que se haviam estabelecido em Éfeso ou conduziam negócios na cidade. Aparentemente, Eutrópio andava até a arranjar o casamento da sua filha com um romano abastado, isto antes de ele ter fugido com medo pela vida, como tantos dos seus compatriotas.

A última vez que estive em Éfeso, disfarçado de Zótico tal como agora, foi na companhia do jovem Gordiano, no início da viagem que nos levaria a visitar as Sete Maravilhas.

– E como está esse jovem romano? – perguntou Eutrópio. – Próspero, espera-se.

Pois foi Gordiano quem salvou a vida da sua filha durante a nossa visita. Nem que seja só por isso, Eutrópio não julga severamente todos os romanos.

Ah, Gordiano! A falta que sinto daquela juventude, aquela perseverança, aquela coragem, aquela astúcia. O jeito que agora me daria um companheiro com essas qualidades, se é que existe alguma esperança de escapar ao dilema alarmante em que me encontro. Ao invés, estou sozinho, sem ninguém a quem recorrer.

A haver alguém...»

A minha voz esmoreceu. Bethesda apertou-me o braço.

– E depois, o que é que diz?

– É só isto. Não há mais.

– Mas tem de haver. Não pode concluir assim.

Anuí e suspirei.

– Tens razão. Algo me diz que isto ainda mal começou.